



Texto:
Cláudia Martins*

Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011



Texto:
Sandro Bernardo*

«Não devemos ter medo de avançar porque vale a pena trabalhar em prol dos outros»



16h30 - Reunião com o responsável do Banco Alimentar.

Reformado e com o tempo todo ocupado. Amigo do seu amigo e sempre com uma palavra de apoio para dar. É assim que falam de António Janeiro, de 61 anos, do agrupamento 1093 – Chainça, Abrantes. Nesta edição da Flor de Lis fomos conhecer mais um rosto do voluntariado do CNE.

Desengane-se se pensa que uma pessoa por ser reformada tem tempo para tudo e não faz nada. António Janeiro é a prova contrária disso. O seu tempo está todo contado e ocupado, não com uma profissão como todos nós, mas ocupado com o seu tempo dedicado aos outros e aos seus pequenos prazeres.

Começou a sua vida no escutismo já adulto, tinha 41 anos. Por motivos profissionais teve que sair cinco anos depois, no entanto assim que se reformou e surgiu a oportunidade não a deixou fugir. Regressou há 15 anos ao movimento e fez a promessa de dirigente na abertura do agrupamento da Chainça. «Voltei porque são daquelas coisas que não se explica bem... está cá dentro», afirma António.

O seu dia-a-dia não é nada rotineiro e tem sempre muito para fazer no entanto há algo que não abdica de fazer diariamente: visitar a mãe. Todos os dias, de manhã e à noite, passa por casa da mãe que conta já com 95 anos. «Passo meia hora com ela à noite, vou sempre aconchega-la e dar-lhe um beijo de boa noite», conta-nos este voluntário.

Hoje que chegamos para a reportagem, alteramos um pouco o rumo, mas de tarde trata sempre do quintal e do jardim, passa horas com bricolage, a plantar, e dedica-se de alma e coração à família e ao agrupamento, onde é chefe de agrupamento. No seu quintal, em casa, tem vários animais, como periquitos, canários, caturras, cão, entre outros. Diz que é «uma alegria» tomar conta deles.

Questionado pela profissão, responde «bombeiro», pois na empresa multinacional onde trabalhou fazia de tudo, foi consultor, formador, diretor de recursos humanos. Conhecia a fábrica como ninguém e fazia «tudo com brio, com gosto. Começava sempre meia hora antes e terminava sempre depois», conclui António. Este “bombeiro” foi também técnico de desenho durante 10 anos, técnico de manutenção, responsável de pessoal e ambiente em varias multinacionais. No entanto o papel de formador era o que mais desempenhava. Como realizou inúmeras formações, ganhou várias aptidões que lhe possibilitaram gerir melhor o pessoal, ser um bom líder e criar motivação. «Tudo isto permitiu que nos escuteiros pudesse aplicar e desempenhar o meu papel de dirigente». Ao longo da vida esteve ligado sempre à formação de adultos e hoje partilha os seus conhecimentos com os escuteiros.

O seu serviço em prol dos outros é prestado também no banco alimentar, como responsável dos voluntários, onde gere uma rede de 920 pessoas. Faz este papel já há dois anos. Hoje foi até ao armazém do banco ter uma reunião com o responsável para poder delinear algumas ações a desenvolver nos próximos tempos. O trabalho de um banco alimentar tem o seu ponto alto nas campanhas de recolha de alimentos, mas durante o ano «há sempre muito a fazer» e há que estabelecer contactos, preparar locais e material, entregar bens. Durante as campanhas, estão 100 voluntários no armazém e os outros 800 espalhados nas mais de 64 lojas da região.

António Janeiro está casado há 33 anos e a sua esposa é professora e escuteira. Os filhos também já passaram pelo escutismo. Envolve-se em vários pro-



20h00 - Janta com a esposa. A sua companhia diária.



jetos. Neste momento é secretário regional pedagógico da região de Portalegre e Castelo Branco, delegado regional do ambiente, formador de CIP, presidente da mesa do conselho regional e ainda arranja tempo para dar catequese aos 8º e 10º anos.

As noites de sexta-feira são sempre dedicadas às reuniões de animadores. Raramente faz reuniões de direção, gosta de envolver todos os animadores, «tenho uma equipa muito boa, unida, com personalidades distintas, mas todos se dão bem» e prefere que todos participem.

Como tem disponibilidade faz os preparativos todos dos acampamentos, os contatos, os transportes, prepara toda a logística. «Não posso pedir a chefes que estão ocupados toda a semana e sem tempo, se tenho disponibilidade e posso fazer, faço».

Depois de chegar a casa ainda esteve a preparar a formação dos animadores do seu agrupamento e um curso para guias da região.

Sábado de manhã, ainda o jornalista dormia e já António Janeiro tinha regado as couves, tratado dos animais e visitado a mãe. Altura depois para ir tratar da sede, arrumar, limpar e preparar a abertura do agrupamento, com a ajuda de dois dirigentes e um caminheiro.

O almoço deste sábado é em família, normalmente é apenas com a esposa, ou às vezes com os sogros. O *chef* é ele. De tarde voltou à sede para a abertura do agrupamento. O tema é o "big bang", a criação. Um tema que deixou que fosse a equipa de animação que criasse e desenvolve-se. «Temos de aliar os conselhos dos mais velhos com as novidades dos mais novos, nem uns sabem mais que os outros. O equilíbrio, ponderação, reflexão são fatores de sucesso», afirma o dirigente.

No fim da tarde, teve uma conversa de motivação e orientação com alguns caminheiros, mas todos os dirigentes e elementos mais novos ouvem os conselhos deste irmão mais velho. Para Daniel Bento, caminheiro do agrupamento, o chefe é «fantástico, dá-nos liberdade e isso ajuda-nos a crescer, tem sempre uma palavra e os seus conselhos a dar».

Já prepara a sua equipa de animadores para a próxima liderança, «abro espaço aos novos dirigentes, para que possam crescer», pois acredita que deve dar o exemplo. Quer ser recordado como «depois de mim, o escutismo possa avançar, fui um exemplo e trabalho em prol dos outros».

* Email: comunicacao@ae2011.cne-escutismo.pt



21h00 - Reunião com os animadores do agrupamento.



10h30 - Preparação da sede para a abertura do ano com o tema Big Bang.



13h00 - Almoço com a família toda reunida. Altura importante para António Janeiro.



15h30 - Abertura do ano escutista com todo o agrupamento reunido na sede do agrupamento.



Texto:
Cláudia Martins*

Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011

Neste ano de 2011 a Europa comemora o voluntariado e o CNE não podia deixar passar ao lado desta comemoração, por isso preparou um programa de celebração e vivência, com acções e iniciativas ao longo deste ano.

Sabias que o CNE é a associação portuguesa com mais voluntários permanentes? Somos 13.000 adultos voluntários permanentes! Por isso só podemos dizer OBRIGADO... pelo trabalho que desenvolves todos os dias em prol dos jovens, pela dedicação e entrega,

pela boa acção que praticas.

Nas próximas edições da Flor de Lis, vamos mostrar-te dirigentes que estão prontos a servir e sempre alerta. Aqueles que tal como tu têm uma historia para contar. Vamos dar-te a conhecer 10 diferentes testemunhos, oriundos dos vários cantos do país. As suas vidas, os seus gostos, as suas aventuras... retratadas no dia-a-dia.

Neste número apresentamos a Catarina Inverno, uma dirigente de Riachos... acompanha a história aqui e na Lis Online.



Texto:
Sandro Bernardo*

«O Escutismo fez-me conhecer um novo lado da minha vida»

Entre os escuteiros e a auditoria, consegue ainda arranjar tempo para tocar clarinete na banda filarmónica de Riachos. Gerir todos os minutos do seu dia, é o truque de uma vida repleta de sorrisos. Nada no Escutismo lhe faz confusão e defende que tudo o que recebeu tem que conseguir dar aos outros. Acompanhámos dois dias da vida da Catarina Inverno.

É auditora financeira e tem 25 anos. Com uma vida dividida entre o Porto e Riachos, Catarina assume sem preconceitos que é possível dedicar a vida ao Escutismo, mesmo com uma profissão que exige concentração e tempo a cem por cento. Por influência da irmã mais nova – que é pioneira – abraçou o movimento há sete anos no Agrupamento 533 - Riachos, da Região de Santarém. «Havia ali qualquer coisa que me fascinava. Enquanto fui caminheira, cresci imenso, conheci novas pessoas e descobri um novo lado na minha vida». Dirigente há pouco mais que um ano, assume a comunidade pioneira do agrupamento e explica que tudo isto só é possível porque tem uma excelente equipa de animação a seu lado. Para além disso, acredita que «estar na secção é o mais importante. O facto de poder contribuir para o crescimento daqueles miúdos, de lhes abrir novos horizontes, acho maravilhoso. O Movimento é mesmo ali, é para isso que nós existimos.»

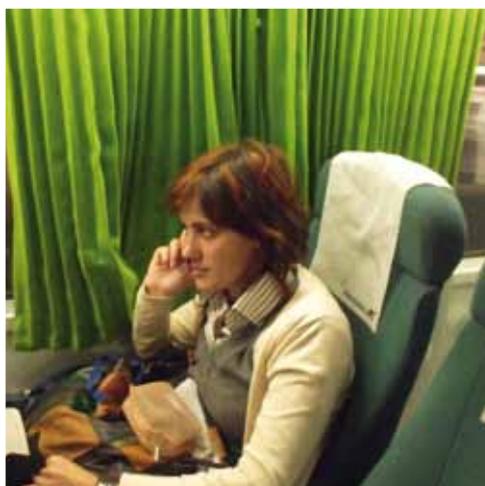
O despertador toca durante a semana às 7 horas. É o começo de um novo dia. A vida profissional da Catarina leva a que trabalhe nos escritórios dos clientes da empresa sem previsão de hora de saída. Admite que «quando comecei a trabalhar, senti muita dificuldade em adaptar-me porque estava habituada ao ritmo da faculdade e tinha todo o tempo do mundo para gerir.»



Foi nesse momento que pensou abandonar alguns projectos do Movimento, porque era impossível conseguir conciliar o Escutismo com o trabalho. Pensou, ponderou e viu que não poderia tomar essa decisão. «Chamaram-me à atenção; tudo o que estava a fazer na minha vida era supérfluo e os escuteiros eram a única coisa que me ligava à terra (...). Sempre achei que isso era verdade, e constatar que outra pessoa também o achava, tomou um papel muito importante na minha vida.»

Uma viagem rápida de carro leva-a até mais um dia de trabalho. Chega ao escritório às 8h30, a maior parte das vezes primeiro do que os colegas de equipa.

Quando entrou para o actual emprego, todos lhe di-



ziam que seria impossível continuar a dedicar a sua vida ao Escutismo; no entanto, hoje em dia continua envolvida em vários projectos e considera que é uma questão de opção. Prova disso são os cargos que assume: para além da secção, integra os "Scouts of the World", a Secretaria Internacional e a Equipa Nacional de Caminheiros e Companheiros.

Catarina explica que os escuteiros ajudaram-na a melhorar a postura profissional. «Trabalho num meio muito stressante, com muitos prazos a cumprir. Temos que trabalhar em equipa e trabalhamos muitas horas com as mesmas pessoas. O facto de ser escuteira, ajuda-me a adaptar-me a diferentes equipas de trabalho e a estar sempre bem-disposta, mesmo quando já são dez da noite e existem imensas coisas para entregar no dia seguinte que ainda não estão prontas. Sei que as pessoas também admiram isso em mim.»

O dia termina com o regresso a casa. O relógio da estação de Campanhã, no Porto, marca 19h52. É a hora de partida do Intercidades que leva a Catarina até ao Entroncamento. A viagem de comboio não é desperdiçada e dá para preparar muito do trabalho que ainda há por fazer. Dar o que recebe é um dos lemas adoptados. «Gosto de fazer voluntariado no CNE, gosto de dar aos outros aquilo que recebi de bom. Gosto de proporcionar os sorrisos que conseguimos, de animar. Tudo isto faz sentido para mim.»

São 22 horas e o comboio chega ao seu destino, mas o dia ainda não acabou. Há Conselho de Agrupamento do 533 e a boleia já está à espera na estação para a levar numa viagem rápida até aos Riachos. Na reunião, faz uma apresentação sobre Kandersteg, na Suíça, à restante chefia. É uma das ideias para o ACAGRUP.

O dia termina à 1 hora da manhã, depois de um chá reconfortante para ajudar a uma boa noite de sono. Para a Catarina, o voluntariado, em qualquer que seja a associação, é algo inexplicável: «quando se é voluntário, seja no que for, é porque se sentiu um chamado, e acho que foi isso que eu senti. Desde que entrei no Movimento, quis sempre aprofundar um pouco mais, melhorar, fazer mais coisas».

O Sábado é dedicado à comunidade pioneira. Entre pintura de remos e reuniões de equipas, tudo é articulado pela Catarina com a ajuda da restante equipa de animação. Um dos muitos exemplos no CNE, o rosto de quem leva o lenço ao rubro, veste a camisola de voluntário e que, através das suas mãos, tenta deixar o Mundo um pouco melhor do que o encontrou

Email: geral@aeV2011.cne-escutismo.pt



Texto:
Cláudia Martins*

Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011

Cristina é mãe, esposa e com uma vida profissional que lhe ocupa a maior parte dos seus dias. Com tantas tarefas no dia-a-dia ainda arranja tempo para se dedicar a 100% ao Escutismo. Se um dia tivesse 48 horas, seria o ideal para esta dirigente, que é feliz por ser voluntária.



Texto:
Sandro Bernardo*

Cristina Batista tem 40 anos e é dirigente no Agrupamento 1320-Vale Figueira, da Região de Setúbal. É escuteira desde 1986 «entrei para os júniores (Exploradores) e no ano seguinte passei para os séniores (Pioneiros). Fiz o percurso normal e, em 1998, fiz a minha promessa de dirigente». Estava na altura de constituir uma família e por isso, no ano 2000, casou e abandonou o Movimento. Mas as saudades falaram mais alto e regressou ao activo em 2007, já com duas filhas, para abrir o Agrupamento 1320 a convite do Assistente de Vale Figueira.

Tem como formação base Engenharia e é consultora, o que faz com que conheça o País como a palma



Mesmo ao fim-de-semana Cristina ainda arranja tempo para pensar no trabalho.

da sua mão. A empresa para que trabalha «tem sede em Vila Nova de Gaia. «Como faço parte do escritório de Lisboa e actualmente sou a única pessoa que está aqui na zona sul, tenho muitos projectos de Norte a Sul do País». Com esta vida ocupada, que a obriga muitas vezes a passar alguns dias fora de casa consegue, com algum esforço, conciliá-la com a vida familiar e escutista. «É complicado, porque temos reuniões de direcção e de chefes de unidade. O que vale é que normalmente as reuniões são em minha casa».

Cristina é casada com o Miguel, chefe de agrupamento de Vale Figueira, e têm duas filhas: A Joana e a Marta, 10 e 6 anos respectivamente. São todos escuteiros. Para a Marta «tudo isto é novidade: os escuteiros, a escola, a catequese! Ela é um pouco mais mexida que a Joana». A filha mais velha é uma grande ajuda para o casal, que fez questão de estimular-lhe a sua própria autonomia «Levanta-se às 7h, vai comprar pão, trata das sandes dela, e muitas vezes faz para a Marta porque eu não estou em casa, e depois

vai-se embora». Contudo, esta autonomia esconde muitas vezes saudades da mãe, e quando Cristina sai para mais uma semana de trabalho, Joana pergunta sempre «quando é que voltas mãe?», isto porque «me conheceu num tempo em que eu tive uma paragem profissional e portanto estive um pouco mais presente». Quanto à Marta «é um pouco mais desligada. Pelo menos não demonstra a falta».

«O voluntariado mais do que, dar é nós nos darmos a nós próprios»

Cristina e os dirigentes do seu agrupamento vivem activamente o Voluntariado na paróquia «o lar paróquial tem necessidade de ter voluntários... À noite, normalmente, dorme lá uma funcionária que para além de fazer as limpezas acorda os diabéticos para comerem». Num lar composto por três alas, e em que cada ala é composta por 10 ou 12 camas «os voluntários estão lá na perspectiva de que se acontecer alguma coisa» até porque por vezes «há pessoas que morrem ou têm que ir para o hospital, há tanta coisa que pode acontecer! E se for preciso ir para o hospital com alguém, o voluntário vai e a funcionária fica no lar».

Os dirigentes de Vale Figueira abraçaram esta causa e cada um deles estava de serviço às quartas-feiras à noite. Infelizmente, por questões profissionais, Cristina teve que abandonar o projecto «é muito complicado para nós que trabalhamos e temos um dia de trabalho pela frente». Tudo isto acontece porque na paróquia «não há capacidade financeira para ter duas funcionárias à noite».

No entanto, o Pedro – outro dirigente do agrupamento – continua a participar e dar o seu tempo a quem mais precisa. Não obstante, Cristina vestiu a camisola de voluntária «foi muito gratificante, porque o voluntariado, mais do que dar, é nós nos darmos a nós próprios». A dirigente explica que «mesmo na oração do escuta “dar-nos sem medida” é uma coisa que ultrapassa, que não tem dimensão!».

Cristina conta que não espera outra recompensa ao ser voluntária no CNE e, emocionada, diz «mesmo sem esperar outra recompensa é tão gratificante quando os miúdos reconhecem o nosso trabalho e tudo aquilo que nós fazemos por eles... É a melhor recompensa que podemos ter».

[Continua]



«Os pais também têm que dar um pouco de si»

Para além do trabalho e da vida familiar, Cristina ocupa a maior parte do seu tempo com o agrupamento. É chefe da Expedição São Domingos de Sávio e explica que «o que nós damos aqui de voluntariado, é para nós adultos e dirigentes aqui, em Vale Figueira, um trabalho de muita responsabilidade, porque temos um chefe de agrupamento muito exigente e não é dar aquilo que nós podemos dar porque nós temos que ser responsáveis... Acabamos por nos voluntariar, mas não é fazer as coisas pelo mínimo, é fazer as coisas com qualidade». Reconhece que esta exigência vale a pena porque «temos tido frutos de todo este trabalho que temos feito com os miúdos». É este o verdadeiro sentido de voluntariado, porque «é realmente **darmo-nos** em todo o nosso expoente». Faz questão de dizer que «ao sermos tão exigentes, todos os miúdos têm que aproveitar ao máximo a sua estadia no agrupamento. Porque se há miúdos que faltam, se há miúdos em que a família não está comprometida connosco... Se calhar não é este o agrupamento que procuram». Em Vale Figueira quando uma criança entra para o agrupamento «os pais também têm que dar um pouco de si, não é só o miúdo que entra, é a família inteira. Há uma recepção que fazemos à família e ao miúdo.» Inspirados pelo lema “Desde *Brownsea* até Vale Figueira” recebem a família numa cerimónia que simula a saída de BP no cais de *Poole*, em Inglaterra, até desembarcar em *Seymour*, *Brownsea*, para realizar o primeiro acampamento. Toda esta envolvimento leva a que os pais, através de uma escala de serviço, trabalhem na Toca do Castor (bar do agrupamento) onde, ao lanche todos os elementos de Vale Figueira têm a oportunidade de lanche de uma forma mais saudável «temos sandes, leite e bolos caseiros que os pais fazem e levam naquele fim-de-semana para vender».

«Dar-me sem medida»

Cristina Batista diz que privilegia a vida ao ar livre porque «Nós normalmente costumamos fazer acampamentos de mês a mês» garante que «só quando os tiramos do conforto, porque é isso que é ser explorador, é isso que é ser scout, é que os acabamos por conhecer».

É em campo que temos a oportunidade de ensinar os nossos miúdos a estarem alerta, e é ótimo quando os valores escutistas são transportados para o dia-a-dia porque «um voluntário é também aquele que está atento, como um escuteiro, e que tem uma atitude proactiva e não espera que nos peçam ajuda». Tal como a Cristina já nos disse, voluntariado é dar-se sem medida «É a frase que neste momento, na minha vida, me faz mais sentido».

*Email: comunicação@aev2011.cne-escutismo.pt



É no carro que Cristina passa grande parte do seu tempo.



A preparar mais uma Jornada Escutista para os Exploradores.



O Agrupamento Vale Figueira em formatura.



A Expedição São Domingos de Sávio.



Texto e fotos:
Cláudia Martins*

Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011

“Ser voluntário faz crescer muito e quando crescemos queremos crescer ainda mais.”



Texto:
Sandro Bernardo*



15:00 Alunos entregam flores à professora. No último dia de aulas do 12º ano.

Esposa, mãe, filha, cunhada, nora, escuteira, geocacher, professora, bióloga, amante da natureza e uma pessoa que adora desafios. É assim que se descreve Cristina Pedrosa, escuteira há mais 12 anos. Fomos acompanhar dois dias da vida desta voluntária.

Cheia de alegria e um sorriso foi assim que fomos recebidos pela Cristina. Estava na escola a avaliar os trabalhos de área dos projectos dos alunos de 12º ano. Professora de biologia e ciências no secundário há 27 anos, faz aquilo de que gosta – partilhar conhecimentos. Natural da Serpente, tem 51 anos e mudou-se de malas e bagagens para a Figueira da Foz quando casou. Tem dois filhos, a Filipa e o João, de 22 e 20 anos respectivamente.

“Sou uma apaixonada pela vida”, prova disso são as várias actividades que realiza e as aventuras em que não diz não! Chefe de Agrupamento do 235, Figueira da Foz, tem como objectivo a curto prazo a formação dos animadores, «é importante ter as coisas para poder dar aos miúdos.» Ser chefe de agrupamento é ter «um papel muito importante, pois este cria o espírito e a unidade de secções», afirma Cristina.

Após um dia cheio de aulas e avaliações, está na altura de regressar a casa. Uma caminhada diária de 20 minutos de regresso, de *phones* nos ouvidos, faz-se nas calmas. Durante o percurso aproveita para rezar, cantar e organizar-se. Ao chegar a casa, apenas tem tempo de lanchar e receber os jovens escuteiros para dar explica-

ções. «Não cobro nada aos miúdos, tenho sempre casa cheia. Tenho que os ajudar a melhorar as notas». Muitos destes escuteiros são seus alunos e afirma ser fácil lidar com esta situação. «Todos sabem ver a diferença. Às vezes, para os miúdos, é difícil saberem como me tratar... por tu ou por professora».

Para além do Escutismo, das explicações diárias, integra a equipa de CPM – Encontro de Preparação para o Matrimónio, o grupo de leitores da paróquia e as equipas de Nª Srª, não perde acções de voluntariado pontuais. Alinha em tudo o que esteja relacionado com o ambiente. O espírito presente nesta dirigente é de total disponibilidade para o serviço, porque «temos que dar e quando damos mais recebemos», afirma.

Entrou com 6 anos no guidismo, passou para o CNE dois anos depois e aos 12 viu-se obrigada a sair dos escuteiros, porque saiu de casa. Mas como diz o ditado, “escuteiro uma vez, escuteiro para sempre”: assim que os filhos cresceram regressou ao escutismo. Está no movimento porque é «uma experiencia fantástica, dão-nos imenso e ver crescer os miúdos é fundamental». Entrou no agrupamento em 2000, já passou pelas várias secções, mas diz que a mais desafiante é a IV. Lá por casa são todos escuteiros, são quatro mochilas, quatro sacos-cama, tudo é a quadruplicar. Ser escuteiro é muito exigente e toma muito do tempo, «mas se a família toda não fosse, não sei se seria».

Ser voluntário no CNE é estar ao serviço «do irmão, do



18:30 Dia de aulas terminado, altura de dar explicações a alunos e escuteiros.



Ano Europeu do Voluntariado 2011



10:00 Visita à atividade da I secção. Cristina a encorajar as Sardinhas a irem para o batismo de água.



12:00 Vistoria à base azul do agrupamento, após as arrumações.



14:00 Almoço com o marido e filho.



15:30 Encontro com pais de novos elementos.

próximo, é ter uma atitude de evangelizar» e isso faz com que haja muitas noitadas. Conciliar tudo é uma tarefa difícil, «exige muito de nós, mas, é muito gratificante. No entanto, às vezes temos que saber dizer que não ao escutismo ou a uma tarde no sofá, mas consegue-se». Por isso mesmo é que «o sofá lá de casa está sempre novo».

Esta sexta-feira é dedicada à escola. Foi assistir a uma gala de solidariedade em prol de uma associação local, gala esta organizada por um grupo de alunos da escola.

Os sábados são ocupados com os escuteiros. Para além da implementação da formação está a renovar a forma de inscrição de novos elementos. Depois de algumas voltas a tratar de assuntos pessoais, aproveita para visitar os lobitos na base azul, que se preparavam para o seu baptismo de água. As "sardinhas" são duas noças muito receosas, Cristina conversa com elas para que estas percam o medo. Antes do almoço há tempo para a visita à base verde e fazer uma pequena vistoria às arrumações da base.

Para esta dirigente a família é um «grande alicerce e sem eles não seria a mesma coisa», por isso aproveita todos os momentos que pode com eles e mima-os. O marido Manuel é o «ombro direito e esquerdo» e fazem tudo em casal. Aproveita para almoçar com o filho, que está de partida para o Porto, pois estuda lá. As saudades da filha Filipa são resolvidas pelo telefone, já que está em Erasmus em Paris. Considera-se mãe galinha, pois no acampamento de agrupamento ia muitas vezes espreitar o que os filhos estavam a fazer. Apesar disso é a primeira a assumir que «temos que dar asas aos nossos filhos para voarem, temos de os tirar do ninho, para crescerem e serem felizes». Para o filho João a mãe ensinou-o que há a «necessidade de tentar enriquecer a minha e a vida dos outros, devemos meter-nos em tudo». Aproveitamos o telefonema e questionamos a Filipa sobre o que a mãe lhe transmitiu. «Se nos empenharmos nos projectos com que nos comprometemos, vale a pena», afirmou a filha.

O sábado não está terminado sem um passeio no Cabo Mondego, ou realizar geochahing ou mesmo procurar novos trilhos. Estas são algumas das coisas que fazem a Cristina "sair da cama".

Ser apaixonado, fazer tudo com prazer, garra e força são as atitudes fundamentais num dirigente do CNE. Fazer voluntariado «faz crescer muito e quando crescemos queremos crescer ainda mais».

* comunicacao@ae2011.cne-escutismo.pt



Texto:
Cláudia Martins*

Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011



Texto:
Sandro Bernardo*

“Encaro como um estilo de vida que é transportado para a vida do dia-a-dia...”

Com 63 anos e 50 de escuteira, Helena Guerra é uma mulher de ambições e paixão pela vida e pelo que faz. No CNE, já colaborou em vários departamentos, e, hoje em dia, cumpre o segundo mandato de Chefe Regional de Évora. Fomos conhecer esta voluntária, que não gosta de protagonismo. Fomos conhecer a história da Chefe Regional de Évora.



18h30 – No local de trabalho a fazer os últimos relatórios do dia.



21h15 – A família, quase completa, à hora de jantar. Um momento de partilha e alegria.

São 15 horas, estão mais de 30°C e a nossa recepção em Évora é com um sorriso contagiante. Helena Guerra espera-nos para a acompanharmos durante os próximos dois dias. Em 5 minutos de percurso a pé para o carro, Helena cumprimenta várias pessoas que conhece e apresenta-nos como «as minhas “sombas”». Dirigimo-nos para o IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional - onde trabalha como técnica de serviço social. Foi há largos anos, que implementou este serviço no Alentejo. As colegas falam dela como uma pessoa bem-disposta, alegre e sempre pronta a ajudar. Fala com nostalgia e mostra-nos os cantos à casa, o que criou no centro, os projetos internacionais e nacionais, a formação que promove. Chegou a ser uma das responsáveis e tinha como ta-

refa controlar vários centros nesta região, bem como formar novos técnicos. No entanto, preferiu voltar ao serviço de técnica. Agora recorda as colegas como sendo «um pouco da minha semente». «Não gosto de protagonismo e de poder», afirma Helena.

Nascida e criada nas Caldas da Rainha, veio para Évora «arrastada» pelo marido, que é médico e por cá se mantém. Tem três filhos e uma filha, todos escuteiros. Na família, apenas o marido não é escuteiro. Helena comemorou recentemente o 50º aniversário de promessa de escuteira. Recorda-se que começou no colégio diocesano, onde estudou, sendo Guia, e «adorava». Em jovem, criou um grupo de JEC feminino e pertenceu também à JUC. Quando se mudou para Évora, o trabalho e a dedicação aos filhos não permitiram retomar a vida de escuteira. Quando os filhos cresceram, inscreveu-os no Agrupamento 523 de Évora e aí foi ajudando nos conselhos de pais. Numa crise de dirigentes, foi convidada a ir ajudar o Agrupamento. De uma pequena ajuda a dirigente, o passo foi curto, «o bichinho pelo escutismo estava dentro de mim», confirma-nos Helena. Acompanhou a IV secção durante 6 meses e foi Aquelá durante 10 anos; depois disso foi eleita Chefe de Agrupamento, onde cumpriu 9 anos.

Mas esta voluntária ativa e sempre pronta, não se ficou apenas por aqui. Já foi adjunta e secretária regional pedagógica, pertenceu à mesa de Conselhos Regionais e já foi adjunta nacional dos adultos, mas atualmente apenas se encontra a dirigir a Região de Évora.

No trabalho, é conhecida como escuteira e «dá gozo ser reconhecida como tal», pela prontidão, por ser bem disposta. «O ser escuteira, acho que permite melhorar a nossa relação laboral, a nível de organização, de relacionamento, de estar à vontade e falar em grupo. Todo o treino que temos em grupo e convivência nos escuteiros, ajuda o relacionamento fora dos mesmos», conclui Helena Guerra.

São horas de ir para casa, e não se encontra a chave do carro. Não há tempo a perder, tem o jantar em casa para preparar e à noite ainda tem reunião na Junta Regional para terminar os preparativos da comemoração dos 75 anos da Região.



Ano Europeu do Voluntariado 2011

Dois dos filhos ainda vivem em casa com os pais, mas hoje, sexta-feira, é normal juntar a família à mesa. O neto a crescer faz a delícia de todos, principalmente desta avó "babada". Adora ter a família por perto, «incomoda-me mais o estar sozinha. E não quero ficar!» À mesa, a filha (ex- Chefe Nacional Adjunta), diz que a mãe «é uma mulher empenhada, que se mete nos projetos até ao fim... Não deixa nada a meio», afirma a Nucha. Este entusiasmo permite a esta dirigente «recrutar pessoas, envolvê-las nos projetos em que participa», concluiu.

Depois do jantar, é altura de ir para a reunião com a equipa da região. À chegada ao carro, coloca-se novamente a questão: "onde estão as chaves do carro?" Havia ainda algumas tarefas por concluir para a festa de Domingo. A Celebração Eucarística era transmitida pela TVI e ainda havia algumas "agulhas a afinar". Helena Guerra prepara e motiva a equipa que está a colaborar com ela, para que tudo corra a 100% na festa da Região. «Mas o protagonismo não é meu, é de uma equipa... às vezes só dou cor e cara, coordeno, mas não sou só eu!».

Na liderança do CNE, há que saber o papel de cada um. «O pior de um líder é não perceber que não há limite e que não arranja substituto para tal. É preciso dar lugar aos novos», afirma Helena, expectante para que haja lista candidata nas eleições regionais que se avizinham.

Helena já foi catequista, animadora de campo de férias nas Caldas da Rainha e, hoje, para além das tarefas de escuteira, é voluntária como Ministra Extraordinária de Comunhão, participando em todas as ações que a comunidade promove. «Sou voluntária por prazer, por gratificação... como cidadã, devo fazê-lo, e, enquanto for útil, vou dando de mim». Este é um modo de ver, encarar e viver a vida. Afirma que vive de forma «descontraída, sem medo, sem vergonha», isto porque os seus «cabelos brancos permitem dizer muita coisa». Defende, ainda, que devemos viver a vida de forma alegre e estar bem connosco, sendo que este é um princípio para que as coisas corram bem e possamos partilhar, dar e receber.

A manhã do segundo dia é passada de um lado para o outro, receber a equipa da televisão, levantar as flores para a cerimónia, levar material para a Igreja. Tudo em passo apressado, mas com uma paragem para almoço num restaurante típico alentejano. Com tanto para fazer, é impossível ir a casa almoçar, o tempo tem de ser rentabilizado. De tarde, ainda há que ornamentar a Igreja e ensaiar os cortejos e cânticos.

Antes, ainda há tempo para passar pelo acampamento regional, que está a decorrer a uns quilómetros de Évora. O sangue jovem e aventureiro desta voluntária, fá-la saltar para cima do jipe e verificar alguns postos do raid que os escuteiros da região es-



23h30 – Reunião com alguns membros da equipa de região, nos preparativos para o 75º aniversário.



15h15 A aventura de jipe, para visitar o local de acampamento



17h00 Na igreja a fazer os preparativos para a eucaristia.

tão a fazer. «Adoro aventura, sinto-me jovem», afirma esta aventureira que não teme a idade.

Tem alguns projetos na manga, até ao final do mandato, tais como a nova sede e o Centro Escutista Permanente da Barragem do Divor, que já está em curso. Para todos os projetos, é necessário criar equipas e envolvê-las; para tal, «é preciso incentivar e insistir com as equipas», afirma a dirigente. Encara o escutismo «como um estilo de vida que é transportado para a vida do dia-a-dia».

* Email: comunicacao@ae2011.cne-escutismo.pt



Texto e fotos:
Cláudia Martins*

Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011



Texto:
Sandro Bernardo*

«Um Voluntariado Muito Especial»

João Carvalhosa tem 38 anos, é de Lisboa e todos os minutos do seu dia são aproveitados ao pormenor.

Escuteiro há 30 anos, com várias profissões, ainda tem tempo para defender uma causa: o voluntariado.

Fomos conhecer a história do Chefe do Núcleo Lisboa Ocidental.



1 – João Carvalhosa na ilha de Brownsea, em Inglaterra

João Carvalhosa é assessor do conselho de administração de uma empresa, e integra, há 9 anos, o executivo da junta de freguesia de Santa Maria de Belém, em Lisboa. Aqui, é responsável por nove pelouros, entre eles a acção social e a comunicação e imagem. A Junta de Freguesia «ocupa imenso tempo, porque o horário é imprevisível. Fico até quando é preciso, são muitas noites e fins de semana».

Para além disso, João é também presidente do comité português de coordenação da habitação social, que «congrega todos os coordenadores e promotores da habitação social». A associação é responsável pela «representação de Portugal na Comissão Europeia». Essas representações levam a que João se ausente do país várias vezes, o que dificulta o contacto com a família. Casado e pai de

três filhos – Diogo de 9 anos, Leonor de 7 e Maria com quase 2 anos - explica que «às vezes são períodos complicados. Muitas vezes chego a casa e a minha mulher e os meus filhos já estão a dormir».

No que diz respeito ao voluntariado, garante que é um trabalho que lhe «dá gozo fazer». Ocupa muitas tarefas para que os outros possam sorrir: Chefe do Núcleo Lisboa Ocidental, instrutor nos exploradores do Agrupamento 80 de Santa Maria de Belém e, ainda, sócio do Banco Alimentar.

Para o João Carvalhosa, o voluntariado no CNE «é um voluntariado muito especial. É uma missão que temos, às vezes há pessoas que ainda me perguntam: com tanta coisa para fazeres, mais a família, como é que ainda consegues estar nos escuteiros?» Para essa pergunta, o João tem uma resposta muito simples: «vi no Facebook o vídeo que o CNE fez, para comemorar o seu aniversário, e coloquei no meu mural porque estas são as razões, aqui está a resposta. No fundo, é tentar dar o meu contributo para que os valores não se percam e para que as novas gerações os aprendam».

Os valores são a chave de sucesso da Associação, que pretende «transmitir valores sólidos, humanos, cristãos, e de desenvolvimento pessoal».

Nas campanhas do Banco Alimentar, em Lisboa, João é responsável pela zona de descargas das carrinhas que chegam com a recolha dos supermercados, e garante que gosta do faz.

Com todas as tarefas, garante que «todos os dias trabalho para os escuteiros, consigo praticamente estar todos os Sábados em actividade. Não é fácil conciliar, mas, com algum esforço e sacrifício familiar, consigo». O CNE é «o local mais bem organizado, em termos de voluntariado, que existe. Onde se constrói um percurso, que não é um projecto normal, é um projecto onde conseguimos investir porque é de longo prazo. Só assim conseguimos ver frutos daquilo que fazemos».



Ano Europeu do Voluntariado 2011



2- São muitas as tarefas que ocupam o dia do João Carvalhosa



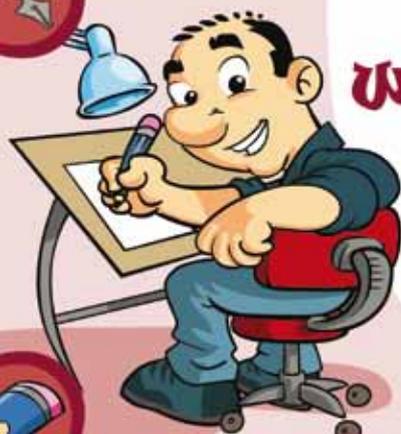
3- É altura de reunir na Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém

João Carvalhosa assume que a associação tem uma estrutura bem montada, com algumas debilidades, mas garante que todas as associações as têm. No CNE, é possível ver «os miúdos que passam por nós, que têm boas notas, que serão no futuro bons profissionais». Acrescenta que «aqui, estamos a trabalhar com uma população jovem e estamos a moldar-lhes a vida, enquanto que, por exemplo, no Banco Alimentar, estamos a suprimir dificuldades que as famílias têm. Nos escuteiros, estamos a construir um percurso de vida destes miúdos, o que torna muito interessante esta nossa actividade, porque podemos, também, ser um modelo, um exemplo para eles».

Para descrever o voluntariado, escolhe duas palavras: Entrega e Missão.

Confrontado com a questão «Consideras que a tua missão já está cumprida?», respondeu firmemente: «se saísse agora, tinha a plena consciência de ter a minha missão cumprida, não quer dizer que não haja mais coisas para fazer... Cada vez os miúdos têm vidas mais difíceis! Há sempre trabalho e missão para fazer... Mas, se isso acontecesse, estava completamente realizado com aquilo que fiz na minha vida».

* comunicacao@aev2011.cne-escutismo.pt



www.toonman.com.pt

Ilustrações - Caricaturas

T-shirts - Pins

Tudo para a tua
angariação de fundos





Texto e fotos:
Cláudia Martins*

Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011



Texto e fotos:
Sandro Bernardo*

«Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos»

Uma vida dedicada à igreja, ao voluntariado e à entrega aos outros. Esteve no seminário, mas o caminho que Deus lhe pediu não foi o de sacerdote. Agora é casado, com 3 filhos, e director de uma IPSS. A Flor de Lis foi conhecer o testemunho deste voluntário.

Escuteiro há 26 anos, dirigente há 10, Jofre Pereira tem 38 anos e está no movimento porque «gosta de servir e trabalhar a própria vontade, essa vontade interna, que está em mim desde muito novo». Para ele ajudar os jovens é «uma felicidade, pois vê-los a crescer, a amadurecer, a tornarem-se comprometidos com algo, é único».



11h00 Jofre visita um dos jardins-de-infância e conversa com uma colaboradora



16h00 Passa parte do seu dia no escritório a delinear as tarefas semanais de trabalho



19H00 Com simpatia e um sorriso, visita os idosos na hora de jantar

O dia-a-dia começa cedo, às 7h30, para preparar o pequeno-almoço dos dois filhos mais pequenos. Depois de deixá-los na escola, aproveita o momento matinal para fazer as leituras diárias do livro sagrado ou para se dedicar às laudes – louvores da manhã -, uma forma de se encontrar com Ele no início de cada dia. Assim, está pronto para trabalhar. Os dias são passados entre papéis, relatórios, reuniões e visitas; tem o Centro Solidariedade e Cultura de Peniche, uma instituição particular de solidariedade social, para gerir. A instituição conta com 5 diferentes valências: duas creches, uma pré-escolar, um centro de acolhimento para crianças, um lar de idosos e tem mais de uma centena de trabalhadores.

O dia de hoje, apesar da nossa visita, não foi muito diferente. Jofre aproveitou para visitar as diferentes valências da instituição, enquanto fazia as honras da casa. As dificuldades encontradas para gerir uma instituição desta dimensão e com esta importância são várias, «mas com o apoio de todos, com o envolvimento dos colaboradores, conseguimos ajudar pessoas da comunidade e intervir em prol de um melhor desenvolvimento». Todos o conhecem e simpatizam com ele, conhece todos os colaboradores pelo nome. Neste momento, estão a aplicar o sistema de qualidade e isso faz com que este dirigente passe muito tempo na instituição e em preparação para que os padrões de qualidade sejam mantidos. Apesar de algumas valências não estarem a 100% nas condições físicas, a equipa aplica-se na qualidade pedagógica dos serviços prestados, “o vaso é importante, mas a terra e a planta são muito mais”, afirma Jofre.

Com o avançar do dia, é tempo de ir buscar um dos filhos à escola, o outro filho ups... foi esquecido na escola mais uns minutinhos. (culpa nossa!). Com diversos afazeres diários, com horários diferentes, o telemóvel é um excelente auxílio. O alarme vai tocando várias vezes com diversos lembretes do que tem para fazer: treino de um, catequese do outro, reunião de direcção. A Carla com 10, o João com 6 e o Pedro com 4 anos são os “banderlogues” da família. Não houve tempo para preparar nada, por isso, o restaurante foi a opção escolhida.

Gerir o tempo não é tarefa fácil, quando, para além de marido, pai, director, é secretário de agrupamen-



Ano Europeu do Voluntariado 2011

to no 512 Peniche, tem responsabilidades pastorais e é membro de várias associações em Peniche. Na paróquia, é ministro da comunhão, leitor e membro dos centros de preparação para o matrimónio e baptismo. A sua participação na comunidade também está bem presente, para além de dirigente, pertence à associação de Bombeiros Voluntários de Peniche, à Associação de Dadores de Sangue, à Liga de Amigos do Hospital S. Pedro Telmo, e à Junta de Freguesia



20H30 Família sempre animada durante o jantar



21h30 Momento de partilha, reflexão e preparação das obras na sede do 512 Peniche



08h20 Pequeno-almoço de preparação para a viagem e encontro com a JOC



15h05 Partilha de experiências e vivências como representante do CNE

como membro na Assembleia Geral. «Até que se torna fácil gerir a minha participação nas várias obras, a vida está facilitada porque o trabalho está ligado à paróquia e permite maior mobilidade».

Para Jofre, é bastante importante prestar este apoio, entregar-se como voluntário, faz parte da sua vida. É um trilho que percorre com bom agrado, para poder ajudar outros a fazer um melhor caminho. «Voluntário vem da palavra vontade e isso tem que ver com a nossa motivação, o ser cristão, e é isso que me motiva», afirma Jofre. Este “faz tudo” já teve que deixar de participar em algumas actividades e reuniões devido à situação familiar, as exigências são maiores e o dever do escuta começa em casa, «há que partilhar tarefas domésticas, fazer trabalhos de casa com os miúdos».

A noite termina com a reunião de direcção do agrupamento; 4 horas depois e houve pontos que ficaram para depois. Os sábados normalmente são passados na sede, as instalações novas estão a ocupar o tempo de todo o Agrupamento. Há que raspar paredes, pintar, criar cantos, têm muito trabalho pela frente. Mas este sábado vai ser diferente, Jofre vai com a pioneira Carolina Sales representar o CNE num encontro de Juventude Operária Católica (JOC). O seu testemunho, as suas vivências, e as suas palavras, são dadas a cerca de 20 jovens da JOC, que estão a debater a dignidade dos jovens. A perspectiva cristã do CNE, como enfrentamos os problemas dos jovens que formamos, e como interagir com eles, são algumas das questões que colocam em cima da mesa. Um testemunho que Jofre presta diversas vezes, como membro da equipa nacional de assistência. A participação activa dos escuteiros na sociedade, na representação da associação, é determinante para o crescimento como cidadão e cristão, «Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos. Foi assim com Moisés e é assim connosco».

Jofre descreve o voluntariado numa palavra: «sacrifício». Considera que esta palavra «é mal interpretada, é sinónimo de frete para muitos, mas significa tornar sagrado. O voluntário torna-se mais perto de Deus e dos outros». O voluntariado ajuda este dirigente a crescer e sente-se feliz em deixar os outros felizes. «Sinto que estou a ser útil a melhorar a sociedade, pois partilhamos experiências e criamos hipóteses de nos tornarmos mais ricos. Tenho recebido muito mais do que tenho dado», concluir Jofre.

Este é mais um exemplo de um animador, que se entrega de corpo e alma ao movimento, que tenta dar vida e sentidos às coisas e aos caminhos que percorre.

* comunicacao@aeV2011.cne-escutismo.pt



Texto:
Cláudia Martins*

Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011



Texto:
Sandro Bernardo*

«Está-me no sangue ser voluntária, porque dar sem receber faz-me sentir bem. E os escuteiros são uma forma de estar na vida.»

Lurdes Gameiro, aquilo que mais gosta, é ser escuteira. Durante a semana é professora e ao fim de semana escuteira a tempo inteiro. Podia abdicar de tudo menos de ser escuteira. Fomos conhecer esta voluntária do 941 Asseiceira, em Tomar.

Tem 41 anos, é casada há 23 anos e tem quatro filhos. A Ana Maria com 16, os gémeos Pedro e Catarina com 12 e o mais novo, o João, com 7 anos. São a sua alegria e vê-se nos olhos desta voluntária a dedicação que dá à família. Tem uma vida atribulada como professora, como mãe de uma grande família e porque é uma pessoa que se atira de cabeça a todos projetos que aparecem. «As pessoas não querem compromissos» e isso faz com que Lurdes Gameiro se empenhe e dê o primeiro passo. E, apesar dos vários projetos que se envolve, a família não fica de lado, «o mais novo já tem centenas de cursos escutistas. Eles acompanham os pais a conselhos regionais, nacionais», afirma Lurdes. Os filhos dizem que a mãe «se mete em tudo». «É bom, e gostamos, mas às vezes sente-se a falta dela», diz o Pedro, o filho mais falador dos quatro.

O seu dia-a-dia começa bem cedo, dá aulas no Entroncamento e tem de percorrer vários quilómetros para lá chegar. Mas, dar aulas foi algo pelo que lutou muito e não conseguia abdicar desta profissão. Já trabalhou numa ourivesaria, mas o marido e o sogro impulsionaram-na e incentivaram a seguir o caminho que pretendia. «Aos 18 anos foi algo que quis muito e lutei para conseguir». Tirou a licenciatura de ciências religiosas, depois fez uma pós-graduação em gestão educacional e terminou no ano passado um mestrado em educação e comunicação multimédia. Está a lecionar Religião Moral e Tecnologias da Informação e Comunicação. Lurdes recorda-se que durante o tempo que tirou estes cursos não foi fácil para a família, ausente e muito tempo fora de casa, mas afirma que consegue-se sempre encontrar tempo e disponibilidade. «A disponibilidade é a abertura interior que nós temos. Temos de ir procurar e lutar para ter as coisas».

Depois de um dia intenso de aulas, volta a Tomar para ir buscar os filhos à escola. Uma função partilhada com o marido e os avós. Chega a casa, trata de se despachar porque tem uma reunião com o grupo de psicólogos da Estefânia que fazem o acompanhamento das vítimas do tornado de Tomar, ocorrido a 7 dezembro 2010. O filho mais novo estava no jardim-escola quando o telhado voou. Antes de sair de casa deixa as



17:30 – Lurdes termina o seu dia de aulas.

instruções à filha mais velha, delega tarefas entre os outros filhos e o mais novo pede um beijinho de despedida. Um deles vem com a mãe, porque «os quatro em casa dá chatice», afirma a filha mais velha. O marido, também escuteiro, este fim-de-semana não está em casa, pois foi fazer uma peregrinação até Santiago.

Não teve vivência escutista desde pequena, apesar de ter pedido aos pais. Apenas entrou aos 19 anos pela mão do sogro. Já lá vão uns anos e daqui ninguém a tira. Está no terceiro mandato de chefe agrupamento, foi por necessidade e agora todos têm confiança no trabalho desta líder. Sente que o maior problema nesta posição é o «pouco acompanhamento por parte dos pais. A maioria nunca está disponível. E por vezes confundem o escutismo com um ATL». Acrescenta que «é um mal geral, a sociedade está cada vez mais desligada, o valor que atribuem ao escutismo e aos valores esta mais reduzido. Os pais dão valor ao que fazemos, mas estão desligados de tudo o que envolve o escutismo». Já passou por todas as secções, já foi chefe de unidade de todas as unidades. O ano passado esteve na IV e este ano está na comunidade. Mas os lobitos fazem as suas delícias, «pela vivência pela autenticidade que eles passam ao viver os imaginários».

Depois da reunião, é tempo de voltar a casa e jantar, a correr. Hoje é dia de reunião regional de chefes de agrupamento. Mas apesar de ser um jantar mais apressado, é um momento de convívio, alegria, troca de experiências, o momento onde os filhos contam as peripécias do dia.

30 minutos de viagem ate Santarém para a reunião onde foi apresentada a equipa desta nova junta regional, de que Lurdes faz parte como secretária regional. Apresentou um encontro de motivação para o progra-



ma educativo, bem como os planos de formação, recrutamento, perfil dos formandos. Lurdes afirma que os dirigentes devem estar motivados e devem lembrar-se sempre do seu papel. «O papel do dirigente é de extrema importância, damos testemunho de vida, pois somos o exemplo, é um papel pedagógico».

Para além de escuteira, é catequista, ministra extraordinária da comunhão, diretora de formação, entre outras tarefas no CNE. Na comunidade paroquial começou apenas como catequista, e não tinha tempo, no entanto «achei que era a minha obrigação e não podemos estar isolados na comunidade», por isso envolveu-se com outros projetos. Um dirigente «não pode ser só dirigente, temos que dar algo mais há comunidade», afirma Lurdes.

Mais nova teve ideia de ir em missão, mas achou que não era a sua vocação, porque sente «que a minha vocação é como mãe e mulher». Deita-se por volta das duas, a fazer a lida da casa, preparar aulas, ver emails, tratar dos assuntos escutistas. «Está-me no sangue ser voluntária, porque dar sem receber faz-me sentir bem. E os escuteiros são uma forma de estar na vida», afirma esta voluntária. Podia ir ao cinema, a espectáculos, comprar roupa, mas isso não lhe dá nada, o sentir-se útil para os outros completa-a. O «voluntariado é receber também, recebemos o crescimento dos jovens, vemos a evolução e ser escuteiro é ser diferente».

«Faço com gosto e não sei dizer que não. As vezes bem tento, mas não consigo! É bom e sinto-me bem, nas tenho muitas coisas ao mesmo tempo», assim nos respondeu porque não para quieta e envolve se em tudo.

No dia seguinte, a manhã é para ajudar os filhos com os trabalhos de casa, descansar e preparar-se para os escuteiros. Depois do almoço: «toca a despachar, estamos em cima da hora...» e o corrupio em casa para ir para os escuteiros começou. Para se chegar à sede 4 km ainda tem de percorrer, os gémeos foram deixados na sede da II secção e continua-se o caminho para deixar os outros dois filhos na catequese. Lurdes começa a catequese, está com o grupo de 11º ano, que esta a fazer a preparação para o crisma. Foi uma sessão divertida e onde todos ouvem o que a Lurdes tem para dizer. Uma hora depois vai para a sede fazer a reunião com o seu grupo de pioneiros. Fez um conselho de comunidade, para definir equipas, cargos e preparar o ano com os elementos. «É uma pessoa que cumpre o que está dito, e ajuda-nos a cumprir», afirmam os pioneiros questionados como é a chefe Lurdes. No agrupamento são muitos os elementos e os dirigentes, mas para Lurdes «não interessa a quantidade mas sim a qualidade».

Lurdes gosta de estar disponível e ajudar os outros e por isso afirma que «ser escuteira é o que mais lhe dá prazer fazer na vida».

* Email: comunicacao@aev2011.cne-escutismo.pt



18:00 – Chega a casa com os filhos



21:00 – Jantar em família é sempre um momento alto e de muita partilha



23:30 – Apresenta o seu departamento na reunião regional de chefes de agrupamento.



15:00 – Primeiro dia de catequese deste ano.



16:00 – Lurdes reúne-se com o seu grupo de pioneiros.



Texto e fotos:
Cláudia Martins*

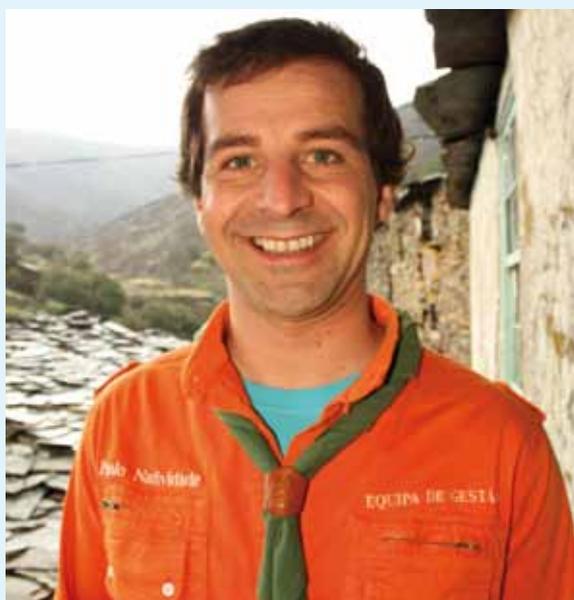
Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011



Texto:
Sandro Bernardo*

«Ser Voluntário é Estar Atento a Pequenos Pormenores»

Já assumi vários projectos no Corpo Nacional de Escutas, mas por agora é o Coordenador de Drave, a Base Nacional da IV Secção. Escuteiro há mais de três décadas, garante que foi no Escutismo que cresceu e aprendeu a valorizar-se. Passámos dois dias com o Paulo Natividade.



Paulo Natividade tem 36 anos, vive no Porto e é consultor ambiental do ordenamento do território. Escuteiro há 30 anos, não consegue explicar o porquê de ter escolhido o CNE, mas tem uma certeza «É aqui que eu me sinto feliz».

O dia de Paulo começa habitualmente às 8 horas da manhã mas nunca tem fim. Durante o dia são várias as viagens que faz para se deslocar aos imensos concelhos do País, onde tem que acompanhar planos de ordenamento do território. Considera que este emprego «obriga-nos a dar muito de nós. Tenho um horário flexível e muitas vezes as viagens são longas e não tenho hora para chegar a casa (...) todos os dias são diferentes».

Apesar do horário indefinido, Paulo Natividade consegue conciliar a vida escutista com a vida profissional. Desde 2001 que é o coordenador da Drave, a Base Nacional da IV Secção.

Drave surge a primeira vez na vida de Paulo «em 1992, quando participei numa actividade da Junta Regional de Porto, designada Rumos do Homem Novo - para quem não se recorda, o Rumos deu origem a grandes músicas escutistas que ainda hoje marcam o CNE, como a Vara, a Canoa, Pedacinho de Deus - e até foi a primeira vez em

que se falaram nos Projectos Pessoais de Vida». Voltou-se a cruzar com esta pequena aldeia quando integrou a equipa organizadora do Rover 2001, foi aí que «se começou a pensar que talvez Drave tivesse a especificidade única da IV secção, pelo seu isolamento, rudeza e também grau de dificuldade».

Nesse ano foi convidado para ser o coordenador da Base Nacional da IV Secção, garante que só consegue conciliar este projecto com a sua vida porque «tenho uma boa equipa e um bom staff».

«Sinto que os Caminheiros aqui conseguem encontrar a paz»

Quando o dia de trabalho está reservado apenas para o seu gabinete, torna-se tudo mais fácil «não posso deixar de estar com o e-mail aberto, e nas pequenas escapatórias utilizar o tempo para trabalhar um pouco para a Base. Como coordenador, tenho que estar mais atento e preparado para ajudar a minha equipa. Portanto, este trabalho diário passa por tentar compreender e distribuir aquilo a que a Drave vai obrigando».

Dirigente desde os 21 anos, por falta de recursos humanos no Agrupamento onde estava inserido, sempre dedicou o seu tempo aos Caminheiros. Considera que «É uma secção que proporciona vivenciar o escutismo na sua plenitude, em que compreendemos mais o desenvolvimento de cada um. O Caminheiro vive grandes descobertas e grandes mudanças de vida. É uma fase conturbada em que o dirigente pode assumir um papel importante».

Coordenador da Base há 9 anos, sente que os caminheiros vêem este espaço «como um recanto no mundo que lhes pertence. Isso torna-os diferentes, porque conseguem assimilar o contacto directo com a natureza. Sinto que os caminheiros aqui conseguem encontrar a paz que às vezes é difícil encontrar nos nossos Agrupamentos, quer sejam rurais ou citadinos».



Ano Europeu do Voluntariado 2011



Paulo Natividade a trabalhar no seu escritório



No carro, onde passa a maior parte do seu tempo



Na Drave, na recepção de um Clã

«É uma recompensa muito pessoal»

Durante o dia de trabalho Paulo não dispensa o telemóvel. Entre inúmeras chamadas, é este que o mantém em contacto com os diversos organismos com que trabalha. É no carro que passa a maior parte do seu tempo, que para além de o utilizar bastante a nível profissional, ajuda-o também a percorrer os 150 quilómetros que separam o Porto da Drave «Têm sido uns bons anos, mas cansativos. Quase todas as semanas percorro esta distância, o que em termos de desgaste pessoal é enorme. Mas ver um projecto nacional, um monte de ruínas, um monte de pedras, ter a possibilidade de tornar essas pe-

dras em vida, é uma recompensa muito pessoal».

Paulo explica que o Escutismo ajudou-o a melhorar a sua postura profissional, porque «mesmo que não quiséssemos, somos obrigados. Porque nos nossos projectos, actividades, grandes acampamentos, passamos sempre por uma fase de grande pressão. Que pode muitas vezes ser de igual forma compatível com a pressão que sentimos a nível profissional. Este treino que adoptei ao longo dos meus 30 anos de escutismo, levou-me a ser capaz de lidar de melhor forma com o stress, e a não ficar atrapalhado com decisões imediatas.»

Quanto ao porquê de ser voluntário Paulo defende que não se vê como voluntário, porque «o escutismo faz parte da minha vida. Eu faço isto porque assim fui habituado, assim quero e assim desejo. Se estar atento, ajudar os outros, idealizar coisas, querer um mundo melhor, fazer amizades é ser voluntário, então acho que o escutismo toma em mim a minha vida toda». Diz ainda que «cheguei à conclusão que ser Dirigente do CNE não é quem quer, é só quem sente o chamamento. Eu acho que senti esse chamamento desde muito novo. Descobri que ser voluntário, para além de ajudar os outros é estar atento ao que nos rodeia, só assim somos capazes de nos predispor mais facilmente para os outros. Muitas vezes uma simples conversa ajuda a outra pessoa a crescer e a sentir-se feliz. Ser voluntário é muitas vezes estar atento a pequenos pormenores que tu não és capaz de ver se não estiveres com atenção».

«Construir e edificar sonhos»

Não tem a pretensão de ser um exemplo a seguir, quer apenas que os Caminheiros o vejam como «alguém que é um exemplo de vontade, que é capaz de construir e edificar sonhos» e mostra-se bastante feliz se conseguir despertar a capacidade de alguém decidir fazer mais e melhor. Assume ainda que ser escuteiro desde criança moldou a sua personalidade «sou capaz de reconhecer que a minha facilidade de compreender os outros, de interagir, de agarrar novos projectos, está relacionada com as vivências escutistas».

Se nos restarem dúvidas que existem Dirigentes que, apesar do peso da mochila, estão empenhados em percorrer as pegadas de B.P. resta-nos esta frase do Paulo Natividade « Um dia perguntaram-me: - O que é ser escuteiro. E eu respondi: - Porque é que respiras? "Sendo que respirar é uma necessidade para viver, eu preciso de ser escuteiro para ter a minha vida».

* comunicacao@aeV2011.cne-escutismo.pt



Texto e fotos:
Cláudia Martins*

Vidas com Valor Acrescentado Ano Europeu do Voluntariado 2011



Texto e fotos:
Sandro Bernardo*

“O Escutismo acaba por não soar a voluntariado, porque é, ao mesmo tempo, paixão e responsabilidade.”

Escuteiro há mais de 30 anos, trabalha doze horas por dia, mas ainda lhe sobra tempo para ser Chefe Regional Adjunto de Viseu e para partilhar momentos com a sua mulher e os seus três filhos. Sabe bem o que é gerir o tempo, parar não faz parte do seu vocabulário e mostra empenho em tudo o que participa. Acompanhámos dois dias da vida de Paulo Peres.



08h00 Paulo Peres passa mais de 12 horas a trabalhar, entre reuniões, atendimento a clientes e formação.

Natural de Viseu, Paulo Peres é bancário, tem 44 anos e três filhos. Na instituição bancária onde trabalha, gere uma equipa de 7 pessoas e o dia de trabalho começa antes do sol nascer e termina depois do sol se pôr – às 8 horas da manhã já está a entrar no seu local de trabalho e sai normalmente depois das 20 horas.

Habitado aos prazos, metas para cumprir e à competição entre balcões, garante que gosta do seu trabalho, e explica que é difícil, mas é possível conciliar uma vida profissional agitada com os escuteiros.

«A minha profissão é muito exigente. Tenho normalmente o dia todo ocupado, e articular o tempo que tenho com os escuteiros não é muito fácil, mas não é impossível». Prova disso, são os seus anos de escutismo: Paulo está no Movimento há trinta e dois anos, vinte e dois dos quais como dirigente. Actualmente, integra o Agrupamento 1106 Coração de Jesus, da Região de Viseu, onde trabalha com a IV secção, e multiplica esforços para articular datas e conseguir reunir o Clã com elementos que estudam em várias regiões do país. Para além do cargo no Agrupamento, assume, também, a função de Chefe Regional Adjunto da Região de Viseu.

Após um dia preenchido com reuniões e inúmeros processos bancários, é hora de regressar a casa. A viagem de regresso demora pouco mais que cinco minutos. É tempo

de rever a família e vestir uma roupa mais informal. Quanto à família, «São todos escuteiros. Os meus filhos desde que tiveram idade para serem lobitos, entraram. Neste momento, um é lobito, uma é exploradora e a mais velha pioneira. A minha mulher foi Guia na Associação Guias de Portugal, quando era jovem, e agora há um ano que é dirigente. Entrou já adulta para o CNE», explica Paulo. Em casa, respira-se Escutismo, e por isso torna-se mais fácil para a família compreender as ausências do pai. No entanto, Paulo tem consciência que «pagam a factura de eu estar muitas vezes ausente, envolvido em muitas actividades... Obviamente que fica alguma coisa para trás».

É hora de jantar. Com um dia extremamente ocupado, foi impossível preparar algo em casa. A família dirige-se para um restaurante de gastronomia típica da região, para partilhar um dos únicos momentos do dia em que consegue estar toda reunida. Pedem-se conselhos aos pais, contam-se histórias do dia-a-dia. Mas o relógio não pára, e depois de deixar a família em casa, é hora de reunir com o Clã no Albergue do 1106, para traçar as próximas metas e caminhadas. Em reunião, o Clã de Santiago exprime os seus desejos e projectos. É entre os jovens que Paulo percebe: «o Escutismo assume um papel muito importante na minha vida».

«O escutismo dá-nos esta faceta de sermos voluntários sem darmos conta»

Para Paulo, o voluntariado no Escutismo acaba por ser algo natural que sempre viveu na sua vida. «O Escutismo acaba por não soar a voluntariado, porque é ao mesmo tempo paixão e responsabilidade. É a minha opinião, porque não vivo outra realidade». No entanto, assume também que «obviamente, no Escutismo também fazemos coisas que não são do nosso agrado, mas a paixão é tanta, que acaba por superar tudo isso».

O empenho de Paulo em campanhas de solidariedade social, levou a que envolvesse o Agrupamento numa acção levada a cabo pela instituição bancária



Ano Europeu do Voluntariado 2011



21h:00 Ao fim do dia, na mesa com a família, coloca as novidades em dia e delicia-se com um arroz de cabidela.

onde trabalha. «Estivemos a ajudar um Centro de Acolhimento Temporário de crianças que são abandonadas ou entregues ao tribunal, e fizemos uma recolha de coisas simples, como pijamas e pantufas. Coisas que eles precisam». É visível a alegria que sente. «O escutismo dá-nos esta faceta de sermos voluntários sem darmos conta. Recebemos contra-partidas interessantes, quanto mais não seja por vermos que contribuimos para a felicidade dos outros».

«Somos educadores, dirigentes do CNE, e isso é uma grande responsabilidade»

Sábado é dedicado à requalificação do antigo parque de campismo da cidade, que vai ser transformado num parque escutista. São 9h20 da manhã quando Paulo chega ao campo, pronto para trabalhar. A chuva constante não ajudou, mas a equipa que se reuniu não mede esforços para alcançar o seu objectivo: montar os telhados da futura Sede Regional e também as novas instalações do DMF. Ao final do dia, os objectivos estavam quase cumpridos.

Paulo Peres assume, sem complexos, que gosta de viver o Escutismo perto dos jovens e, acima de tudo, de contribuir para o crescimento dos adultos de amanhã. Explica que «somos educadores, dirigentes do CNE, e isso é uma grande responsabilidade», o compromisso assumido é exigente porque «fazemos um acompanhamento muito directo com os pais, educadores e professores». Mas, quem vive este ideal, sabe que a recompensa é merecedora de empenho, e Paulo é experiente neste campo. «O reconhecimento é óptimo. Sou dirigente há mais de vinte anos e entender que aquelas pessoas que ajudei a crescer, na vida social, profissional e familiar, continuam a defender os mesmos valores, é muito bom».

O que aprendeu e viveu ao longo da sua vida escutista, ajudou-o a melhorar a sua postura profissional, bem como a enfrentar da melhor forma os desafios

propostos a cada novo dia. Paulo descreve, numa palavra, a sua vida escutista como «genial», pelas memórias que guarda, mas, também, pelos laços de amizade que construiu: «Desde miúdo que as minhas férias e tempos livres sempre foram passados nos escuteiros. Hoje em dia, os miúdos são solicitados para imensas coisas... No meu tempo, não existiam grandes alternativas. O nosso espírito de escuteiro era diferente e criávamos um grupo muito mais coeso. Lembro-me de pessoas que estiveram comigo desde os exploradores e que andámos sempre juntos até aos caminheiros».

A vontade de fazer mais e melhor é implícita e contagiante no Movimento, porque, segundo Paulo, «Organizar coisas, envolvermo-nos a participar, a metodologia do projecto, acaba por nos influenciar. Definimos metas, tentamos alcançá-las, mesmo sabendo que muitas vezes não conseguimos lá chegar, mas corrigimos e voltamos a tentar. Esta sensação de estarmos sempre em caminhada, acho que vem muito do Escutismo».

Paulo Peres é um dos exemplos de que o dia pode ter mais do que 24 horas. O empenho, a dedicação e a paixão movem este dirigente, capaz de motivar todos os que o rodeiam. A vontade de dar mais, é um exemplo de que a chama de Baden-Powell continua acesa em muitos corações.

*Email: comunicacao@aev2011.cne-escutismo.pt



23h:00 A reunião de clã é um momento de partilha, conversa e preparação de actividades.



09h20 Montagem do telhado com outros escuteiros da região. Preparam o futuro campo escutista.